

Paris, Cidade Invisível: O Plasma - Bruno Latour

Paris, ville invisible : le plasma

Bruno Latour

Tradutor: Marcus Vinícius de Abreu Baccega



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/1632>

DOI: 10.4000/pontourbe.1632

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Referência eletrónica

Bruno Latour, « Paris, Cidade Invisível: O Plasma - Bruno Latour », *Ponto Urbe* [Online], 5 | 2009, posto online no dia 31 dezembro 2009, consultado o 20 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/1632> ; DOI : 10.4000/pontourbe.1632

Este documento foi criado de forma automática no dia 20 Abril 2019.

© NAU

Paris, Cidade Invisível: O Plasma - Bruno Latour

Paris, ville invisible : le plasma

Bruno Latour

Tradução : Marcus Vinícius de Abreu Baccega

NOTA DO EDITOR

Revisão: Ana Flávia Badue

- 1 Tudo em uma cidade permanece invisível, tudo, e acima de tudo, a cidade tomada como totalidade.
- 2 Dir-se-á que hoje dispomos de mapas via satélite que nos permitem utilizar o zoom em todos os níveis, tão comodamente que é possível, em alguns cliques, passar da Ile-de-France [região que circunda a capital francesa] ao teto do imóvel onde habitamos. Então tem-se direito, por uma vez, com relação ao Google Earth ou ao *site* do Instituto Geográfico

Nacional, de falar de um panóptico, pois se “apreende toda a cidade, ao mesmo tempo em que se pode descer, sem interrupção, até seu menor detalhe.



BRUNO LATOUR

- 3 Mas não, você não “apreende” nada, você não vê nada, você não “desce sem interrupção”! A ilusão é poderosa, eu reconheço; é delicioso brincar nas montanhas russas subindo e descendo do todo às partes, até passar mal do coração, mas se você se toma por aquele que vê tudo, você coloca o dedo no próprio olho. É como confundir um jogo eletrônico com a prática de uma partida de rugby. Ademais, as fotos por satélite são datadas, não são em “tempo real”. O que você vê é a cidade, seu bairro, seu imóvel como estavam há alguns meses, alguns anos, de qualquer maneira, em outra época, sob outra iluminação, e de acordo com o mais improvável dos pontos de vista – e também o menos informativo: por que é importante ver o telhado de seu imóvel, você é antenista ou limpador de chaminés? A atualização das imagens se dá em espaços de tempo bem grosseiros para que você esteja diante de outra coisa que não a ilusão de ver tudo diretamente, sem falar dos *pixels* que se tornam rapidamente grandes quadrados amarronzados assim que você sai dos caminhos conhecidos.
- 4 O que seria uma visão de Paris na qual a atualização fosse tão rápida que se poderia sentir-la em tempo real e, sobretudo, em espaço real?
- 5 Para atualizar o espaço e torná-lo um pouco mais realista, não é para um mapa que se deve voltar, qualquer que seja o número de seus *pixels*, mas para os *oligópticos*. Por este neologismo designo as estreitas janelas que permitem relacionar, por certo número de canais estreitos, alguns aspectos somente dos seres (humanos e não humanos) cujo conjunto compõe a cidade... Um funcionário do departamento de polícia assiste os vídeos localizados nos cruzamentos importantes de Paris. O que ele vê? Muito e muito pouco – donde a palavra “oligo-ptico”: os vídeos ressaltam apenas certos aspectos daquilo que se passa nos cruzamentos, e somente aquilo que lhe permite alertar seus colegas sobre o local – isso se ele conseguir contatá-los pelo rádio e se eles estiverem dispostos a obedecê-lo. Outro exemplo: você abre as páginas amarelas da lista telefônica de Paris para procurar um encanador. Você encontra um, mas você não viu quase nada, a não ser

páginas e anúncios, porém você tem bem às mãos “todos” os artesãos e profissões de Paris. O mapa não é diferente da lista telefônica: o primeiro se satisfaz ao repartir, em longitudes e latitudes, séries de lugares, enquanto a lista faz o mesmo ao ordenar, alfabeticamente, profissões e nomes. Ninguém tomaria os extensos tomos das Páginas Amarelas por Paris, por que você tomaria o mapa de Paris por território?

- 6 O que é tão enganador na ilusão do zoom é a impressão de continuidade. A máquina informática, uma vez que consegue tão facilmente transformar os *pixels* em qualquer escala e nelas articular as informações (no fim, nunca são mais que “zeros” e “uns” conservados como potencial elétrico sobre um composto de lâminas de silicone), faz crer que existe, entre todos estes registros, uma passagem sem *interrupção*. Entretanto, não há qualquer relação imediata estabelecida, nenhuma passarela entre aquilo que o funcionário de polícia vê diante das telas de controle do departamento de polícia de Paris e aquilo que você vê nas páginas da lista telefônica ao apontar o dedo para o nome de seu encanador favorito. Quanto a esses dois oligópticos, deve-se, sobretudo, evitar juntá-los no mesmo espaço, como se fossem dois pontos de vista sobre a mesma totalidade. Eles não têm conexão. São incomensuráveis. E isso se passa mesmo que o Google, utilizando com astúcia a nova propriedade de todas as informações, qual seja, a de se encontrarem agora organizadas em fichários numéricos, consiga sobrepor o endereço de seu encanador ao pequeno amontoado de pixels que marca a localização de seu ateliê - visto a partir do céu. Sim, é verdade, a numeração permite estabelecer algumas pontes entre os oligópticos até então separados, mas isso nem sempre compõe um panóptico. Encontrar, superpostos em uma tela, o nome de seu encanador e a foto de sua rua nem sempre te coloca na posição de Olho divino - haja visto que você nada mais fez senão prestar atenção e colocar seu porta-níquel à disposição da extensão de uma nova rede, aquela da empresa Google, a qual paga os pequenos cliques de *mouse* da empresa de encanamento em dinheiro vivo. O mais completo dos panópticos, o mais integrados dos softwares, não é mais que um *peep show*.
- 7 Dir-se-á que seria absurdo procurar o espaço real em um mapa, em uma tela, em uma lista telefônica, e que Paris se deixa ver pelo único canal realista e vivido, aquele da *flânerie*, da caminhada, da errância. Apenas há o pedestre que, admirando as vitrines, bebendo café no alpendre de uma cervejaria, bisbilhotando no “mercado das pulgas” [concentração de estabelecimentos simples para venda de artigos usados], distribuindo panfletos na saída de um metrô, paquerando nos Grandes Boulevards, apreende verdadeiramente o espaço da Cidade Luz. Apenas a visão subjetiva, personalizada, individualizada seria, no fim das contas, objetiva, e aquela dos mapas, das salas de controle, das listas e dos anuários não pode oferecer mais que uma abstração do espaço e da vida na cidade. Não faltam escritores, sociólogos, psicólogos, e mesmo urbanistas para afirmar, com efeito, que a cidade só pode ser apreendida *in concreto* por um indivíduo que se desloca dentro da moldura que ela oferece.
- 8 Nada mais abstrato, todavia, que tal ponto de vista, nada menos realista - exceto o zoom ilusório que conduz, sem o menor tremor, do continente europeu à Praça Beaubourg por meio de uma mudança contínua de escala. Pois, enfim, uma cidade não pode ser a moldura *na qual* um indivíduo se deslocaria, pela boa razão de que essa moldura é, ela própria, constituída por *traços deixados* por outros indivíduos, que se deslocaram ou que ainda estão *no local*. Privilegiar o ponto de vista daquele que caminha, do *flâneur*, do pedestre é impedir-se de compreender o que é tão particular ao viver na cidade, é

aniquilar os canais que permitem justamente não diferenciar a moldura e aquele que nela se desloca. O espaço pode ganhar em realismo apenas se for possível seguir esses canais.

- 9 Poder-se-ia dizer que um turista, por exemplo, nada mais faz senão passar por Paris, e que há de fato a separação entre o indivíduo visitante e a moldura que ele visita: ele passa, Paris permanece. O *flâneur* destaca-se sobre um fundo. No entanto, trata-se lá aqui apenas de um ponto de vista bem superficial – tão superficial quanto o zoom. Em primeiro lugar, porque o turista geralmente vem em grupo, portanto ele é a fração de uma infraestrutura turística da qual fazem parte a sociedade dos Bateaux-Mouches, o departamento de turismo de Paris, o escritório dos tradutores credenciados, os motoristas dos carros de passeio e o quebra-cabeça que representa o estacionamento de suas grandes bestas de metal. Não nos esqueçamos, ademais, da quantidade de infraestrutura que é necessário aplicar para andar a pé em Paris. Deste ponto de vista, todos temos uma “mobilidade reduzida”.
- 10 Ora, essa infra-estrutura turística moldou a cidade de tantas maneiras que o visitante já não é mais exterior a um quadro fixo que ele em nada influencia. “Moldura” e “visitante”, eis duas formas de falar perfeitamente intercambiáveis. Nosso turista pode contar somente com alguns dólares no balanço final, mas, sem essa infraestrutura não haveria nenhum turista e Paris seria uma província adormecida, algum lugar “fora dos circuitos turísticos”. E não considere o conjunto de renovações de imóveis, que não tiveram outro objetivo senão agradar os transeuntes, as campanhas de sensibilização (sempre sem efeito) para tentar tornar os táxis “amáveis aos visitantes estrangeiros”, os inumeráveis clichês espalhados pelos filmes e que tornam tão inevitáveis quanto acessíveis os registros desses mesmos turistas da Praça de Tertre ou de Notre-Dame.
- 11 Vê-se que quem afirmasse fazer justiça ao ponto de vista subjetivo e individual do visitante sem considerar a infra-estrutura dentro da qual ele circula daria uma versão da cidade ainda mais ilusória que aquele que tomasse o mapa de Paris por território. Entre o visitante e a moldura visitada, apenas há a diferença entre o participante $n + 1$ da elaboração contínua de Paris, e todos aqueles que o precederam sobre as trajetórias que ele percorreu sem esforço. Existe, por conseguinte, um caminho tênue, eu reconheço, que permite tornar equivalentes a “moldura” e aquele que se situa “no interior” deste quadro. Essa moldura é ele, pois a sobrevivência da infra-estrutura depende em parte do dinheiro que esse visitante terá deixado atrás de si e a boa impressão que ele terá conservado de sua visita; mas o visitante, ao contrário, é, em parte, esse quadro, uma vez que a partir de agora sua biografia incluirá em sua trajetória o fato de que ele “fez Paris”, enquanto Paris “é feita” (em uma parte bem pequena, é certo) deste visitante, que apertou o botão *deste* portão automático de Beaubourg, adicionou *seu* café com creme à listagem do Flore, etc. Não se precisa de mais que um pouco de astúcia para metamorfosear um no outro.
- 12 Mas essa infra-estrutura é a sociedade, dirão alguns, aquilo em que “obviamente” se deve “situar” o turista para não acreditar que ele é “realmente” um indivíduo destacável. Seguindo seu desejo de visitar Paris, ele apenas responde a campanhas de publicidade dos *tour operators* e, remetendo a um nível mais alto (a menos que se desça ainda mais ao fundo), aos interesses das empresas responsáveis pela globalização dos deslocamentos turísticos. Do mesmo modo que há, em geografia, um zoom que nos permite passar sem interrupção do planeta à Praça Beaubourg, haveria em sociologia um zoom por meio do qual se iria do Capitalismo a este pobre turista chinês que se deixa retratar por um artista na esquina da Praça de Tertre. Paris se situaria, portanto, “na” Europa e “no” Capitalismo,

cada lugar podendo se reconhecer/se localizar de acordo com longitude e latitude, e cada indivíduo, com uma certa interpenetração de interesses e de paixões.

- 13 No entanto, se o zoom geográfico tem a aparência da verossimilhança, o mesmo não se dá com o zoom sociológico. O primeiro, notemos, não passa de um procedimento de fixação do mesmo arquivo numérico que reparte os *pixels* em função do tamanho requerido pela imagem, uma simples questão de DPI. O segundo sequer dispõe deste recurso. A partir do momento em que abandono o turista individual para ir em direção “àquilo em que” ele se situa, começo a não mais saber de que falo, e me contento com um gesto vago da mão, dizendo: “Tudo isto não é por acaso, há *por trás* grandes interesses”. No balcão do bar onde pronuncio esta frase definitiva, meus comparsas abanam a cabeça com um ar de compreensão, e então creio ter dito o suficiente... As imagens do social parecem-se muito com os mapas em T da geografia medieval: o que as circunda é um Oceano do qual nada se sabe, a não ser que é muito vasto e muito perigoso devido aos monstros que o povoam. Da “sociedade em seu conjunto”, nada se sabe dizer, a não ser que ela tem a forma de um círculo que abarca tudo, o qual permite terminar a discussão de forma peremptória.
- 14 Se realmente fosse necessário seguir o que há de “social” em Paris, seria preciso deixar-se levar pela cidade de modo completamente diferente: seria necessário conseguir fazer com as empreitadas de totalização aquilo que acabamos de fazer com os mapas: passá-los da ilusão do panóptico ao percurso dos oligópticos.
- 15 “Paris tornou-se inabitável”, “a Prefeitura faz qualquer coisa”, “é preciso estender a municipalidade às comunas periféricas “a polícia deveria dirigir-se sobretudo aos subúrbios”, “é necessário que as multas sejam mais severas contra os proprietários de cachorros”, “não há salas para a música amadora”: tantas frases que circulam das bocas às mídias, das mídias aos zeladores, dos zeladores aos inquilinos, dos inquilinos às petições, das petições aos escritórios, dos escritórios aos detentos, dos detentos aos tribunais administrativos...Podemos seguir estas massas de enunciados? Um pouco: pelos blogs, jornais, cafés, restaurantes, as praças, os SMS. Suponho que o prefeito tenha seus informantes, como o departamento de polícia tem seus vídeos e os Registros Gerais [instituição do Ministério do Interior] suas grandes orelhas. Toda uma massa de rumores e de propósitos destacados cuja circulação, ponto a ponto, compõe Paris tanto quanto o deslocamento dos carros pelo *Peripherique* ou os usuários que o metrô transporta cada dia aos milhões. Frequentemente, há greves de transportes coletivos, mas esses transportes de enunciado (aquilo que eu chamo “anúncios *collectantes*” nunca estão em greve... Felizmente... Paris desaparecerá certamente).
- 16 Alguns destes propósitos “totalizam” Paris, tornada sujeito de fórmulas como “Paris quer respirar”, “Paris os acolhe”, “Paris recusa”, mas essas expressões totalizantes não circulam de modo distinto das expressões individualizantes, como aquela da menininha que sussurra sobre seu tanque de areia: “Mamãe, eu estou entediada...”. Recolher a circulação de um enunciado é, portanto, algo diferente de decidir se esse enunciado totaliza ou individualiza. A estátua alegórica de Paris, se ela representa bem “Paris inteira”, situa-se simplesmente em um cruzamento e não ocupa “mais espaço” que a de Balzac no Boulevard Raspail ou a da República na praça de mesmo nome. Assim como o mapa não é o território, mas se situa no território, no qual ela acelera ou facilita certos deslocamentos; assim como a lista telefônica não é “Paris toda”, mas dela faz parte ao assinalar os endereços; da mesma maneira as fórmulas totalizantes que tomam Paris “como um todo” circulam, também elas, por Paris, à qual acrescentam, por assim dizer, seus *fragmentos de totalização* . Até os panoramas mais globais têm um endereço, e mesmo

- que apresentem uma versão erudita e quantificada, que vejam “tudo”, isso se passa sempre “dentro” de uma sala obscura.
- 17 Por que é importante “localizar” tão obstinadamente as visões totalizantes sobre Paris? Por uma questão de atmosfera e de respiração e, assim, diria Peter Slorerdijk, por uma grave questão de *política*. A ilusão do zoom, em geografia como em sociologia, tem como efeito deletério tornar a vida na cidade perfeitamente irrespirável. Não há *mais lugar*, pois tudo está ocupado pela transição sem conexão e sem interrupção entre as diferentes escalas que vão do todo às partes ou das partes ao todo. Fez-se uma dobradura. Sufoca-se. Trata-se aqui, para utilizar um termo erudito, de uma questão de *mereologia*: a relação das partes com o todo é um privilégio da política. Não compete à geografia ou à sociologia simplificá-la rápido demais, supondo o problema resolvido e a totalidade já conhecida, como se Paris não passasse de uma imagem, simplesmente recortada, e que só se precisasse reagrupar. Essa relação das partes com o todo, do tipo quebra-cabeça, é a negação mesma da política.
 - 18 Para que a política renasça, para que Paris seja novamente respirável, é necessário que Paris permaneça invisível, no sentido em que nem as partes nem as diferentes totalidades nas quais estas se inserem não sejam estabelecidas de antemão.
 - 19 Deste ponto de vista, nada mais sufocante que o Google Earth com sua pretensão ao zoom sem interrupção; nada mais reacionário que os discursos convencionados sobre a passagem contínua do Capitalismo mundial às bancas do mercado Maubert, passando pela cesta de lixo (recentemente informatizada) do Palácio Brongniart. Para retomar uma expressão de Sloterdijk, a política não é a revolução, mas a *explicitação*, ou seja, o desdobramento dos elementos artificiais que precisávamos para viver, mas até então não sabíamos. A política, dito de outra forma, é uma questão de *ar condicionado*, é a percepção progressiva de que coabitamos dentro de muralhas tão pouco naturais quanto as serras, e cujos mecanismos delicados nos aparecem pouco a pouco. Aquele que crê que a política caminha por si própria porque esta se ocupa de um Bem público cuja forma e bondade ele conheceria de antemão, comete mais que um crime, comete um erro político.
 - 20 De minha parte, chamo de *plasma* este espaço – mas não é um espaço – no qual repousam – mas não há repouso – as circulações diversas de totalizações e de participações, aguardando a explicitação e composição. A expressão parece abstrata, mas é porque todas as metáforas usuais são definidas pelo zoom, o que obriga a crer que se sabe do que se fala quando se diz que existe um caminho contínuo entre as partes e o todo. Suspenda o zoom, multiplique as conexões entre as diferentes vistas de Paris, sem torná-las comensuráveis rápido demais, meça a invisibilidade constitutiva/fundante de todos os *oligópticos* (cada qual vê bem, mas muito pouco), relocalize os locais em que se fala de Paris “como um todo” (o gabinete do prefeito, o quartel-general da administração municipal de Paris, a sala de controle do Serviço de água, o imóvel do Boulevard Morland, etc.) e pergunte *em que* você pode situar bem estes *membra disjecta*, impedindo-se de reportá-las tão logo a um “quadro natural”, a uma “sociedade” ou, claro, a “discursos”. Muito bem, este pano de fundo é o plasma. É ele que permite mensurar a extensão de nossas ignorâncias a respeito de Paris. É ele, sobretudo, que permite voltar a dar oportunidade à questão política, reservando-lhe a tarefa de composição, evitando naturalizá-la ou que socializá-la, ou que dela se faça um simples jogo de palavras.
 - 21 Há algumas dezenas de anos, cede-se à tentação de substituir a política pela gestão, e o exercício da democracia pela horrível palavra “governança”. Compreende-se melhor por que: a boa gestão, como a boa governança, aplicam-se à normatização da relação entre as

partes com o todo, de modo tão harmonioso e eficaz quanto possível. Elas amam o zoom. Elas vêem as coisas, a princípio, do alto, depois do meio, depois se voltam para baixo. Tudo isto se encadeia, se concatena, se encaixa perfeitamente. Cada boneca russa se aloja sem discussão em uma maior e abrange outras menores, sempre sem forçar. É a Paris visível. É a Paris gerida. Abra agora todas as bonecas: mergulhe-as no plasma, deixando cada uma delas definir o que é maior e o que é menor que elas, sem ordená-las de antemão e abrindo todas as controvérsias sobre as relações disputadas entre as partes e o todo. É a Paris invisível. É a Paris política. É a Paris a compor.